

O LOBISOMEM

ESTÓRIAS de lobisomens!

O sertão está cheio delas, cada qual a mais pavorosa. Não há matuto que não tenha espiado pelo buraco da fechadura a rumorosa passagem desse monstro, que não é cão nem homem, nas estradas enluaradas, noites de quinta para sexta-feira, vulto horrível, de olhos de fogo e resfolegar ardente, ao qual os cachorros não têm coragem de latir.

Há mesmo gente que afirma tê-lo visto “virando-se”, isto é, na ocasião da metamorfose, de roupas vestidas pelo avesso, espojando-se no estrume dos cavalos de sela e das bestas de carga. E todo sujeito pálido, de olheiras, opilado, tem esse fadário, nas luas crescentes uns, nas minguentes outros.

Uma das mais estranhas estórias de lobisomens foi a que ocorreu com o Manoel Tertuliano, afilhado do coronel Zé Machado, dono da fazenda dos Três Corações. Era um rapaz de vinte e cinco anos, branco, desempenado e valente, que o fazendeiro criava desde pequenino. Achara-o abandonado à beira do caminho, perto de casa, numa noite, e trouxe-o a choramingar, na lua da sela. Dona Pulquéria, sua casta e feíssima esposa, tomara conta do enjeitadinho, do pobre “filho das ervas”, cujos verdadeiros pais nunca se descobriram. Mas as filhas do Geringonça, faladeiras de truz, enquanto foram vivas não se cansaram de espalhar aos quatro ventos que a mãe era, por força, a Xiquinha do Serrador, uma assanhada que punha goma na cara, como “muié-dama”. E o pai, esse só podia ser o bilontra do coronel, homem “desavergonhado”, “arrastador de asa”, pior que bode velho.

O Manoel Tertuliano cresceu como filho do velho casal sem prole, sempre muito querido e dando boa conta de si. Tanto assim

que era quem muitas vezes andava com o dinheiro do ancião e lhe resolvia os mais sérios negócios.

A casa da fazenda dos Três Corações passava por ser a melhor da ribeira do Banabuiú, entre os campos do Oriá e o Tabuleiro Grande. Ficava num alto, a cujos pés se estendia o açude, de parede de alvenaria. Os currais que a ladeavam, amplos e bem cercados, tinham porteiras de aroeira pintadas a zarcão, com dois chifres encruzados em cima, para enfeitar e dar boa sorte. Nas salas e camarinhas, o chão estava bem entijolado e, como as paredes tivessem flores azuis semeadas na brancura da cal, o povo dos arredores dizia que era “vê uma igreja”. Sob a sua alpendrada, descansava, emborcada num girau, uma canoa de pescar no açude.

No mês de março de 1899, ano da “seca de água”, em que as demasias do inverno castigaram o sertão, o coronel Machado levou a mulher para o Quixadá, a fim de ver se melhorava, com a mudança de ares, duma “sufocação” que a andava perseguindo e só podia ser mesmo “espinhela caída”, ou “coisa feita”.

O rapaz ficou na fazenda, esperando uma boiada de gado de “solta”, que devia chegar da Cachoeira e ele pagaria na ocasião da entrega, descontando o refugo. Fazia-lhe companhia o vaqueiro Geraldo, que tinha fama de homem honesto, incapaz de praticar qualquer ato indigno, olhos de raposa em cara de santarrão. Era a única pessoa que sabia ter o Tertuliano, numa das malas, cinco contos de réis empacotados, para pagamento dos garrotes que iam chegar.

Todos os dias, ele dava uma volta, a cavalo, pela vizinhança e trazia notícias terríveis do aparecimento de cangaceiros por aquela pacífica região, o que impressionava o moço, por causa da soma de que era depositário.

Certa noite, o vaqueiro chegou “sarapantado”. Encontrara na venda do Cosmo Pais três cangaceiros “cacheados” e na volta da estrada, ao pé do serrote da Panela, mais quatro, todos cobertos de “apetrechos belos”, com “marianas”,¹¹ cartucheiras, “canindés”,¹² e rifles de calibre 48 e dezoito balas! Quem sabe não teriam farejado a maquia¹³ deixada pelo coronel em mãos do afilhado? Talvez soubessem da vinda da boiada e calculassem estar o dinheiro à espera. Se atacassem a fazenda, que poderiam eles dois fazer contra seis ou oito “bichos”, habituados ao “cangaço”, para quem matar era “nenê”, gente, sem dúvida, do célebre Zé Dantas?

¹¹ Chamam-se assim, nos sertões do Nordeste, antigas armas de fogo.

¹² Canindés eram facões estreitos, curvados na ponta.

¹³ Palavra antiga, com o significado de lucro, reserva monetária.

O rapaz, receoso, acreditou no vaqueiro e pediu-lhe à reconhecida sagacidade uma traça salvadora. Então, o Geraldo falou:

— “Seu” Tertuliano da minha alma, Virgem Maria, o melhor é não querer brigar com essas onças-tigres, se aparecerem aqui! A gente deixa “eles” entrar na casa e procurar o dinheiro nas malas, que é onde pensam que deve estar, mas a gente já o escondeu noutra cantinho. Escute, patrãozinho, enterrar não vale a pena, as notas ficam todas estragadas. Bota-se o pacote debaixo desta canoa, no girau, e nós dormimos nas redes, pertinho, aqui no alpendre. Se eles vierem, não poderão adivinhar que o cobre esteja aí, em lugar tão à-toa, não é mesmo?

O plano foi pouco discutido e logo aceito na atarantação do momento. Saiu o maço da mala de pregaria e foi parar debaixo da canoa. Ambos amarraram as redes nas forquilhas da alpendrada, com as armas ao alcance da mão.

Antes de pegar no sono, o Geraldo perguntou ao rapaz:

— Vosmincê sabe, “seu” Tertuliano, o que está acontecendo ao Pedro Fulô depois que chegou do Amazonas, feito paroara?

— Não. Que é?

— Deu “mode” virar lobisomem, o desgraçado!

— Porque ficou amarelo de doença? indagou o moço, meio incrédulo.

— “Qui o quê!” Os filhos-da-candinha¹⁴ andam dizendo que é porque ele foi “mação” sete anos, na companhia dos nova-seitas e dos judeus de rabo, sem ir à missa, sem se confessar e cuspiendo em Nosso Senhor, no Bode Preto de Manaus. O que eu sei é que lhe deu o fadário. Ele corre noite de “lunha”, de quinta para sexta, com as orelhas batendo nos ombros, do tamanho de abanos, focinho de cachorro, e uivando. Credo, assombração! E já viram o bruto aqui por perto do açude...

— Se ele aparecer, você me acorde, Geraldo, que desejo experimentar uma bala de rifle no couro do danado.

Foram as últimas palavras que ali se pronunciaram, nessa calma noite de luar. Ambos dormiram ao embalo duma brisa sutil, perfumada, que lhes trazia de longe o canto das mães-da-lua.

Mas o sono do rapaz, preocupado, era inquieto. Devia ser tarde, quando acordou, sem saber por quê. Abriu lentamente os olhos e, sem mover-se, olhou em redor. Na noite tranqüila, os mesmos eflúvios misteriosos do luar. A rede do vaqueiro mostrava-se pejada pelo seu corpo membrudo. Ficou alguns instantes a espiar o mato próximo, quando, de repente, dum canto da casa surgiu de quatro

¹⁴ Cai progressivamente, entre os sertanejos do Norte e Nordeste essa expressão popular antiga, significativa de informadores desconhecidos.

pés um homem, com qualquer coisa cobrindo a cabeça e uns couros de maracajá amarrados pelos ombros e pela cintura!

O vulto do Geraldo enchia a sua rede quieta. Que seria, pois, aquilo? O Pedro Fulô virado lobisomem? Seria possível? Apesar do seu espanto, dos cabelos arripiados, aproveitando a distração do bicho, o Tertuliano pegara a clavina, que estava no chão, sob a rede, e a apertava nas mãos.

O lobisomem dirigiu-se para a canoa, meteu-lhe as mãos por baixo, retirou o pacote e ia voltar para onde surgira, quando o rapaz, compreendendo mais ou menos, pôs-se rapidamente de pé, levou a arma à cara e atirou.

Depois, mais calmo, desemborcou o cadáver caído de bruços numa poça de sangue e todo ataviado de couros velhos: reconheceu nele o honesto Geraldo.

Dentro da rede do vaqueiro, havia somente um pedaço de moirão de baraúna, fingindo gente.